

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE-UFAC
CENTRO DE ENSINO LETRAS E ARTES-CELA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-LIBRAS**

JOSEFA QUEIROZ DA SILVA

**GÊNERO TEXTUAL HISTÓRIA EM QUADRINHO:
UMA PROPOSTA DE ENSINO DO PORTUGUÊS PARA ALUNOS SURDOS**

RIO BRANCO

2021

JOSEFA QUEIROZ DA SILVA

**GÊNERO TEXTUAL HISTÓRIA EM QUADRINHOS:
UMA PROPOSTA DE ENSINO DO PORTUGUÊS PARA ALUNOS SURDOS**

Proposta de unidade didática como Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Federal do Acre como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras-Libras.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane Garcia Silva

RIO BRANCO

2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

S586g Silva, Josefa Queiroz da, 1973- .
Gênero textual história em quadrinho : uma proposta de ensino do português para
alunos surdos / Josefa Queiroz da Silva. – 2021.
29f. : il. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Acre. Centro
de Ensino de Letras e Artes. Curso de Licenciatura em Letras-Libras. Rio Branco, Acre,
2021.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane Garcia Silva.
Inclui referências.

1. Libras. 2. Português como L2. 3. Histórias em quadrinhos. I. Silva, Rosane Garcia
(orientadora). II. Universidade Federal do Acre. Curso de Licenciatura em Letras-Libras.
III. Título

CDD: 419

JOSEFA QUEIROZ DA SILVA

**GÊNERO TEXTUAL HISTÓRIA EM QUADRINHOS:
UMA PROPOSTA DE ENSINO DO PORTUGUÊS PARA ALUNOS SURDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Libras para obtenção do título de licenciada em Letras-Libras pela Universidade Federal do Acre (UFAC).

Aprovado em 4 de outubro de de 2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosane Garcia Silva
(Orientadora – Universidade Federal do Acre)

Prof. Esp. João Renato dos Santos Junior
(Universidade Federal do Acre)

Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa
(Universidade Federal do Acre)

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi desenvolver uma Unidade Didática por meio do gênero textual História em Quadrinhos (HQs) para o ensino de alunos surdos, de modo a dar nossa contribuição aos professores com materiais didáticos para o ensino de língua portuguesa como L2, seguindo a proposta do ensino bilíngue, por meio da Língua de Sinais e a Língua Portuguesa escrita em anos iniciais (7º ano) do Ensino Fundamental. Buscamos proporcionar o aprendizado da Libras e do português escrito para o aluno surdo, desenvolvendo sua capacidade de comunicação, interpretação textual para que ao final da Unidade Didática, o aluno seja capaz de: (a) Conhecer o gênero textual Histórias em Quadrinhos e sua estrutura; (b) Conhecer as características da linguagem das histórias em quadrinhos; (c) Aprender sinais e palavras escritas relacionadas à história em quadrinhos apresentada; (d) Relacionar os sinais em Libras às palavras em Português. Os pesquisadores que deram suporte ao desenvolvimento do trabalho foram estudiosos da Língua Brasileira de Sinais, como Quadros (1997), Quadros e Schmiedt (2006), Santos (2013), além de autores que defendem as histórias em quadrinhos como recursos pedagógicos como Rama et al (2004) e Oliveira et al (2010).

Palavras-chave: Libras. Português como L2. Histórias em Quadrinhos.

ABSTRACT

The objective of this work was to develop a Didactic Unit through the textual genre Comics (Comic Books) for the teaching of deaf students, in order to give our contribution to teachers with teaching materials for the teaching of Portuguese language as L2, following the proposal bilingual education, following the proposal of bilingual education, through the Sign Language and the Portuguese Language written in early (7th year) elementary school. We seek to provide the learning of Libras and written Portuguese for the deaf student, developing their communication skills, textual interpretation so that at the end of the Didactic Unit, the student is able to: (a) Know the textual genre Comics and its structure ; (b) Know the characteristics of the language of comic books; (c) Learn signs and written words related to the presented comic book; (d) Relate signs in Libras to words in Portuguese. The researchers who supported the development of the work were Brazilian Sign Language scholars, such as Quadros (1997), Quadros and Schmiedt (2006), Santos (2013), as well as authors who defend comic books as pedagogical resources such as Rama et al (2004) and Oliveira et al (2010).

Keywords: Pounds. Portuguese as L2. Comic Books.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	“O Menino Amarelo”, de Richard F. Outcaul.....	13
Figura 2	Primeiras publicações brasileiras de histórias em quadrinhos.....	13
Figura 3	Quadrinista surda Ju Loyola.....	15
Figura 4	“Chico Bento”, de Maurício de Souza, exemplo de linhas demarcatórias.....	16
Quadro 1	Formatos de balões nas HQs.....	17
Figura 5	Balão de HQ para a língua de sinais.....	18
Figura 6	Atividades iniciais.....	20
Figura 7	Conhecendo mais sobre as HQs.....	21
Figura 8	Conhecendo mais sobre as HQs.....	21
Figura 9	Conhecendo os balões das HQs.....	22
Figura 10	Conhecer os personagens da Turma da Mônica.....	23
Figura 11	Conhecendo a história.....	24
Figura 12	As pistas do texto.....	24
Figura 13	Atividade “Vamos descobrir um pouco mais?”.....	25
Figura 14	Atividade “Vamos descobrir um pouco mais?”.....	25
Figura 15	Faça a sua história.....	26

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	9
2.1	O ENSINO DE PORTUGUÊS PARA SURDOS.....	9
2.2	AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	12
2.2.1	A linguagem das Histórias em Quadrinhos.....	15
3	PERCURSO METODOLÓGICO.....	19
3.1	DESCRIÇÃO DE ATIVIDADES.....	19
3.1.1	Atividades iniciais.....	20
3.1.2	Conhecendo o gênero Histórias em Quadrinhos.....	20
3.1.3	Contato com o Português e a Libras por meio dos personagens.....	22
3.1.4	Conhecendo a história.....	23
3.1.5	Construindo a sua história.....	26
4	CONCLUSÃO.....	27
	REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em uma Unidade Didática que tem o intuito de atender alunos surdos nas escolas comuns, seguindo a proposta do ensino bilíngue, utilizando a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa escrita em anos iniciais do Ensino Fundamental. Neste contexto, a proposta centra-se no gênero textual histórias em quadrinhos, conhecidas como HQs para atividades de ensino.

Nossa intenção é proporcionar o aprendizado da Libras e do português escrito pelo aluno surdo, desenvolvendo sua capacidade de interpretação textual, bem como, adquirindo, assim, sua L1 (Libras) e L2 (português escrito), tendo como público-alvo alunos do Ensino Fundamental, mais especificamente alunos do 7º ano, partindo do princípio de que estes já têm um conhecimento básico da Libras.

Segundo o documento do Ministério da Educação intitulado “Abordagem Bilíngue na Escolarização de Pessoas com Surdez”, do ano de 2010, o atendimento para alunos com surdez, se dá por meio da educação bilíngue na perspectiva inclusiva, sendo realizado no contraturno em uma sala de recurso da escola comum, para atender às necessidades educacionais específicas desses alunos de modo a possibilitar o pleno desenvolvimento e aprendizagem. O Atendimento Especial Especializado (AEE) acontece em três momentos didático-pedagógicos: (a) Atendimento Educacional Especializado em Libras; (b) Atendimento Educacional Especializado de Libras e (c) o Atendimento Educacional Especializado de Língua Portuguesa (escrita).

O AEE para alunos surdos é um atendimento complementar aos conteúdos curriculares reconhecidos e assegurados em lei, e segundo o disposto no Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, Artigo 22, inciso 2º “Os alunos têm o direito à escolarização em um turno diferenciado ao do atendimento educacional especializado para o desenvolvimento de complementação curricular, com utilização de equipamentos e tecnologias de informação” (BRASIL, 2002, p. 4).

Além disso, a Lei nº 10.436, de 2002 reconhece a Libras como língua natural dos surdos, mas não pode substituir a fala/escrita da Língua Portuguesa L2. Em acordo com a lei citada, é necessário que os surdos tenham acesso ao ensino dessas duas línguas e seu ensino seja efetivado na sua particularidade linguística.

Com relação à importância desse atendimento, Santos (2013, p. 10) enfatiza que o AEE é “uma forma de garantir que sejam reconhecidas e compreendidas as particularidades de cada aluno”.

Assim, há a necessidade de promover condições para que o aluno surdo tenha acesso à educação na escola regular. Santos argumenta que:

O fato de a maioria das crianças com surdez não terem adquirido espontaneamente a língua oral-auditiva de seus pais ou a língua gesto-viso-espacial das comunidades surdas geralmente causa distúrbios de linguagem, e a criança necessita de uma educação linguística especial para esta aprendizagem (SANTOS, 2013, p. 8).

A educação, de acordo com Alvez, Ferreira e Damázio (2010), em documento elaborado pela Secretaria de Educação Especial SEESP/MEC, é assegurada, sendo um direito dos surdos o acesso a aprendizagem em Libras em todas as etapas da educação básica, com a presença de um profissional habilitado por meio do exame ProLibras, promovido pelo MEC/INEP ou por meio de Curso de licenciatura Letras-Libras, esse profissional deve preferencialmente ser surdo.

Deste modo, o atendimento é realizado com o intuito de que o aluno surdo desenvolva a competência linguística, adquirindo conhecimento de sua língua natural, como também a competência textual, desenvolvendo a capacidade de leitura e escrita da Língua Portuguesa e o aprendizado dos demais conteúdos da sala comum por meio da Libras (DAMÁZIO, 2007).

Então, o AEE para surdos não somente complementa o ensino da sala regular, mas, também é a oportunidade para que o aluno adquira conhecimentos sobre sua língua (Libras) e sobre a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, através de sua língua materna.

Com esse entendimento, o objetivo deste trabalho foi desenvolver uma Unidade Didática por meio do gênero textual História em Quadrinhos (HQs) para o ensino de alunos surdos, de modo a dar nossa contribuição aos professores com materiais didáticos para o ensino de língua portuguesa como L2.

Os pesquisadores que deram suporte ao desenvolvimento do trabalho foram estudiosos da Língua Brasileira de Sinais, como Quadros (1997), Quadros e Schmieidt (2006), Santos (2013), além de autores que defendem as Histórias em Quadrinhos como recurso pedagógico como Rama et al (2004) e Oliveira et al (2010).

2 SUPORTE TEÓRICO

Neste capítulo, apresentaremos as considerações sobre o ensino de português para surdos (2.1), as histórias em quadrinhos (2.2) e a linguagem das Histórias em Quadrinhos (2.2.1), pontos que tomamos como referência para a proposta de atividades neste trabalho.

2.1 O ENSINO DE PORTUGUÊS PARA SURDOS

O ensino de português para alunos surdos é um dos grandes anseios da comunidade surda. Sendo assim, o sujeito surdo precisa comunicar-se com a sociedade brasileira e para tal, ele precisa ter acesso à língua portuguesa, pois é a língua utilizada em nosso país. Este entendimento está alinhado ao ensino bilíngue que visa garantir o acesso do aluno surdo ao saber por meio de sua língua materna (Língua Brasileira de Sinais - Libras), assim podendo expressar de forma natural seu conhecimento empírico.

Neste sentido, é de suma importância para o aluno surdo que o professor tenha fluência em Libras, compreendendo assim as particularidades de seu aprendizado. Conforme afirma Albres (2010, p. 9), “uma vez que a escola comum também está incumbida, pela política inclusiva, dessa árdua tarefa, cabe fornecer informações aos professores sobre as necessidades educacionais do alunado com surdez”.

Desse modo, o aluno conseguirá ter liberdade de pensamento sentindo-se mais confortável para questionar e interagir com o professor garantindo sua imersão no conhecimento escolar/científico. Assim, o conhecimento da gramática da língua portuguesa é essencial para o aluno surdo, pois a estrutura de nossa língua os ajuda a compreender os processos de leitura e escrita. Esse, contudo, não é o único elemento a ser considerado nesta reflexão.

Na leitura é necessário que sejam estabelecidas relações de significado entre a Língua Portuguesa e a Libras. O professor deve promover a realidade bilíngue do surdo considerando que a língua de sinais é indispensável na compreensão da língua portuguesa escrita (AVELAR, FREITAS, 2016, p. 15).

A língua de sinais é uma característica importante da identidade surda, e por intermédio dela o surdo tem acesso às informações e aos conhecimentos para

desenvolver sua identidade. Assim, conforme Strobel:

A língua de sinais é uma das principais marcas de identidade de um povo surdo, pois é uma das particularidades da cultura surda, é a forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, e que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhes a aquisição de um conhecimento universal (2015, p. 53).

Quadros (1997, p. 27) corrobora com a ideia trazida por Strobel (2015) reafirmando que a Língua de Sinais é parte fundamental na construção da identidade surda na sociedade. Quadros (1997) ainda nos traz um questionamento sobre a língua de sinais natural; seria possível adquirir a língua de sinais de forma espontânea pela pessoa surda em contato com a comunidade que usa esta língua para se comunicar? De acordo com a autora, sim, pois as línguas de sinais possuem em sua base um sistema linguístico igual às línguas orais.

O que as diferencia é o canal utilizado na comunicação, ou seja, como a mensagem é produzida pelo emissor e chega até o receptor, sendo a Libras visual-espacial e língua portuguesa oral-auditiva. Portanto, as pessoas surdas têm o direito de aprender a língua portuguesa escrita por meio da língua de sinais.

Para Libâneo (2013, p. 14-22), o trabalho docente é parte integrante do processo educativo pelo qual os membros da sociedade são preparados para participar da vida social, uma vez que não há sociedade sem prática educativa e nem prática educativa sem sociedade.

O autor nos apresenta três instrumentos para pensarmos na didatologia da aprendizagem: educação, instrução e ensino. A educação é definida como um processo, a instrução se refere à formação intelectual e o ensino corresponde às ações, aos meios e às condições para a realização da instrução.

Os sujeitos surdos concebem uma relação com a escrita fundamentalmente visual fazendo uma assimilação da escrita do português em uma perspectiva visual-espacial.

De acordo com Sánchez (1993) e Fernández (1996), é indispensável que o acesso dos alunos surdos à escrita se dê através de estratégias visuais, diferentemente do ensino baseado em parâmetros metodológicos do ensino normalmente utilizado na aprendizagem de segunda língua para estrangeiros. Em outras palavras, é necessário que se faça a relação da língua portuguesa com a Libras especificamente de modo visual, correlacionando as duas línguas.

Entendemos que para os alunos surdos, a língua portuguesa é apreendida em um conjunto de signos visuais que se concretiza na escrita, fundindo-se assim, língua e escrita vivenciada por intermédio da leitura na sua prática. Devendo-se articular o ensino a partir da linguagem verbal e não-verbal, considerando a construção dos sentidos gramaticais por meio das referências imagéticas (FERNANDES, 2003).

De acordo com Ferreira-Brito (1993, p. 67), “o input gráfico é também visual e que só atinge verdadeiramente o intelecto da pessoa surda através da visão”. Portanto, evidenciamos que a aprendizagem do aluno surdo se predispõe a uma relação especificamente visual.

Para Avelar e Freitas (2016), o professor deve utilizar materiais e metodologias específicos, que atendam às necessidades educacionais do Surdo. Ao lecionar a primeira e a segunda língua para o Surdo, conforme as autoras, o professor precisa se preocupar com os métodos, buscando melhor qualidade de ensino e maior desenvolvimento na aprendizagem de seus alunos.

Dessa forma, no intuito de contribuir com o ensino da língua portuguesa para alunos surdos, apresentaremos uma proposta didática para leitura e interpretação do gênero textual histórias em quadrinhos “HQs”.

Segundo Silva (2010), a possibilidade de se trabalhar com as imagens das histórias em quadrinhos com aluno surdo é inúmera, pois facilita a interação entre alunos e professor, bem como auxilia em ocupar lacunas que possam aparecer durante a comunicação, sendo uma ferramenta importante para o ensino desses sujeitos. Vieira e Araújo (2012) corroboram com Silva (2010) ao admitirem que a imagem auxilia na compreensão do surdo, servindo como estratégias de pré-conhecimentos para a construção de sentido do conteúdo verbal, além de se tornar um mecanismo para a aprendizagem da língua portuguesa.

Além disso, possuem personagens, enredo e um lugar determinado, e as histórias em quadrinhos se encaixam perfeitamente no ensino tanto para os alunos surdos quanto para ouvintes, uma vez que, segundo Montenari e Menegassi (2010):

[...] as tiras em quadrinhos podem ser utilizadas em salas de aulas e em qualquer nível de ensino, pois são inúmeros os temas e as finalidades, delineados por diferentes estilos linguísticos. Além disso, esse gênero discursivo é de fácil acesso e chama a atenção de muitos leitores de diversas idades visto que o visual e o verbal, em um jogo interativo, são ótimos recursos para que se desperte a autonomia, o lado crítico do aluno e,

consequentemente, o domínio da língua portuguesa (MONTENARI; MENEGASSI, 2010, p. 4).

De acordo com Reily (2003), o trabalho de leitura em L2 para os surdos deve ser iniciado pela estratégia que eles têm mais habilidades - a leitura das imagens. Segundo ele, os alunos necessitam de referências da imagem visual com as quais tenham possibilidade de interagir, para conseguir construir significado.

Rughes (1998 apud Reily, 2003) acrescenta que a leitura da imagem ultrapassa as fronteiras culturais e, quando falamos em educação dos surdos, deparamo-nos com duas culturas, a dos próprios surdos e a dos ouvintes. Farias (2006, p. 276) concorda e acrescenta que “a sala de aula de língua portuguesa para os surdos “é sempre um encontro marcado entre duas culturas linguísticas”.

Para Avelar e Freitas (2016), as dificuldades iniciais dos Surdos poderiam ser reduzidas se fosse mais bem explorada a sua Língua Materna, a Libras, e é nesse caminho que conduzimos nossa proposta.

2.2 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Para Oliveira et al (2010), as histórias em quadrinhos, tal como as conhecemos hoje, tiveram o seu início no final do século XIX, nos Estados Unidos, aparecendo no formato de tiras, em jornais diários, nos suplementos dominicais. As autoras relatam que o surgimento de “The Yellow Kid”, “O Menino Amarelo”, criação de Richard F. Outcault, no New York World, em 1895, é visto pela grande maioria dos autores como o marco fundador do nascimento das HQs. Nessa tira, insere-se um dos elementos fundamentais, o balão, junto com a apresentação dos quadros, outro componente importante na estruturação dos quadrinhos, mas somente em 1896 foi possível imprimir a cor amarela no personagem que era caracterizado como um menino pobre cujas histórias eram ambientadas nos cortiços americanos. De acordo com Oliveira et al (2010), a cor amarela tornou-se marca registrada de um tipo de imprensa sensacionalista: o jornalismo amarelo (yellow journalism) ou imprensa amarela. No Brasil, o amarelo transformou-se em marrom e criou-se o termo “imprensa marrom” para designar-se o mesmo tipo de sensacionalismo.

Figura 1 – “O Menino Amarelo”, de Richard F. Outcault



Fonte: Oliveira et al (2010, p. 10)

O gênero, conforme Oliveira et al (2010), era voltado para o humor, contudo a queda da bolsa de Nova York, em 1929, fez com que os gêneros de ficção científica e de aventura se tornassem mais recorrentes com o surgimento dos heróis, como uma forma de desejo de evasão e mudança de conduta das sociedades ocidentais buscando escapar de um mundo com uma pobreza até então nunca sentida e com milhões de desempregados.

No Brasil, as autoras detalham que o precursor das HQS foi Angelo Agostini, que em 1869 criou em episódios as desventuras de um homem simples no interior do Brasil titulada de Nhô Quin, e publicada em uma revista da época *Vida Fluminense do Rio de Janeiro* e, em 1883, Zé Caipora.

Figura 2 – Primeiras publicações brasileiras de histórias em quadrinhos



Fonte: Cardoso (2013, p. 23)

Para Cardoso (2013), organizador de Edição do Senado Federal, a data inicial de sua publicação, 30 de janeiro, é hoje comemorada como o Dia do Quadrinho Nacional e “Angelo Agostini” passou a ser o nome do troféu que representa o mais importante prêmio, concedido pela AQC–SP, Associação de Quadrinhistas e Caricaturistas – São Paulo, aos trabalhos do gênero.

Depois dessa época muitos nomes importantes surgiram no cenário das histórias em quadrinhos no Brasil, os mais conhecidos e populares são Maurício de Souza, criador da Turma da Mônica, Ziraldo, com o *Menino Maluquinho* e *Turma do Pererê*, além do cartunista Henfil, com importantes críticas sociais e políticas do Brasil (PALHARES, 2008, p. 7).

Nesse contexto de produção, é relevante destacarmos as chamadas “HQs silenciosas” que são, conforme Cunha (2019), formas quadrinísticas que lançam mão apenas da ilustração para contar uma história, o que nos desafia, na visão da autora, a superar uma concepção cristalizada desse tipo de arte.

Por HQs silenciosas compreendemos as narrativas gráficas que, para contar histórias, exploram o uso de imagens/ilustrações sem o suporte de textos/diálogos. Outra característica interessante das HQs silenciosas é que a ausência de palavras permite que a leitora amplie seu horizonte interpretativo, o que possibilita a pluralização da experiência (CUNHA, s/p, 2019).

A pesquisadora acrescenta o evidente poder de alcance de uma HQ silenciosa que pode, inclusive, ser, em certa medida, maior do que de uma produção quadrinística convencional com imagem e texto, pois se trata de uma forma narrativa que pode ser “lida” por pessoas que, por algum motivo, não compreendem a forma escrita da língua materna, o que inclui as pessoas surdas que foram alfabetizadas somente na língua de sinais, ou, ainda, por poderem ser lidas por pessoas de outras nacionalidades sem grandes prejuízos de entendimento.

Como referência na produção de HQ silenciosa, temos a ilustradora e quadrinista surda Juliana Loyola de Paula, mais conhecida como “Ju Loyla”: A artista foi indicada em premiações internacionais em eventos de HQs com seu estilo de desenhos bastante expressivos, leves e com influência dos mangás japoneses (GOMES, 2020).

Figura 3 – Quadrinista surda Ju Loyola



Fonte: Cunha (2019, s/p)

Na sequência vamos explorar a linguagem das Histórias em Quadrinhos e suas possibilidades e leitura em sala de aula.

2.2.1 A linguagem das Histórias em Quadrinhos

Existem algumas particularidades das histórias em quadrinhos que Rama et al (2004, p. 31) chama de “alfabetização” dos quadrinhos que, segundo os autores, é indispensável para o que o aluno decodifique as múltiplas mensagens presentes e também para que o professor tenha melhores resultados em sua utilização.

Em primeiro lugar, as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal (RAMA et al, 2004). Os autores ponderam que

Cada um desses ocupa, dentro dos quadrinhos, um papel especial, reforçando um ao outro e garantindo que a mensagem seja entendida em plenitude. Alguns elementos da mensagem são passados exclusivamente pelo texto, outros têm na linguagem pictórica a sua fonte de transmissão. A grande maioria das mensagens dos quadrinhos, no entanto, é percebida pelos leitores por intermédio da interação entre os dois códigos (RAMA et al, 2004, p. 31).

É importante frisar que os pesquisadores recomendam que a análise separada de cada um deles [os códigos] obedece a uma necessidade puramente didática, pois dentro do ambiente das HQs, eles não podem ser pensados separadamente.

Vergueiro destaca dois códigos que caracterizam esse exemplar dos meios de comunicação: (1) o linguístico, presente nas palavras utilizadas nos elementos

narrativos, na expressão dos diversos personagens e na representação dos diversos sons; e (2) o pictórico, constituído pela representação de pessoas, objetos, meio ambiente, ideias abstratas e/ou esotéricas etc. (VERGUEIRO, 2005, p. 2).

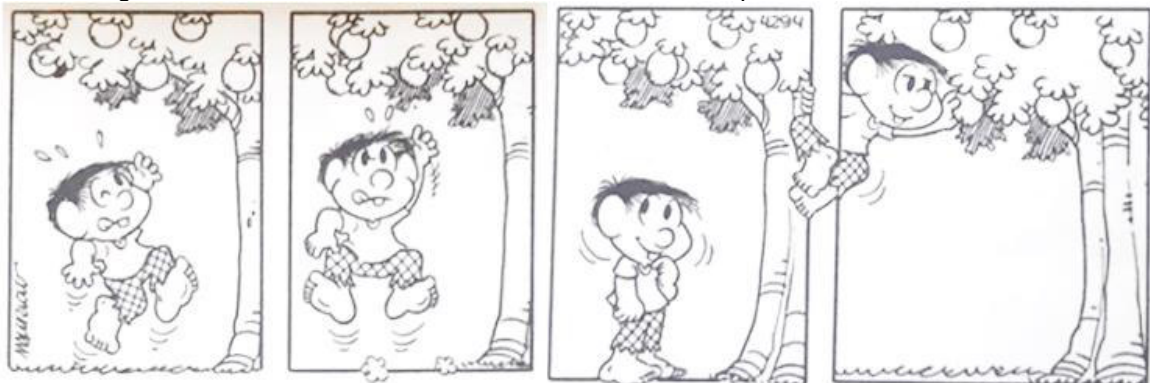
Almeida (1999 citado por RAMA et al 2004, p. 31) argumenta que o autor das HQs se utiliza de dois tipos de linguagens; a icônica e a verbal, ambas complementares no processo narrativo da história.

Quem conta a história é o próprio narrador, com sua “voz” e os personagens. Ao contrário da linguagem verbal, mais linear, a linguagem icônica aparenta estar mais “solta”, como se fosse um pano de fundo para que os personagens atuem. [...] Quando o narrador está “falando”, por convenção, o seu texto encontra-se na parte superior do quadro. Já o discurso dos personagens, normalmente, está inserido dentro dos balões (RAMA et al 2004, p. 34).

À linguagem icônica estão relacionadas às questões de enquadramento, planos, ângulos de visão, formato de quadrinhos, gesticulação e criação de personagens, figuras em movimento, metáforas visuais (VERGUEIRO, 2005).

Rama et al (2004) traçam alguns aspectos importantes das narrativas dos quadrinhos ou vinhetas os quais representam, por meio de uma imagem fixa, um instante específico ou uma sequência temporal. As linhas que envolvem os quadrinhos também têm função informativa, linhas contínuas, por exemplo, representem uma ação retratada em momento presente, linhas pontilhadas, por sua vez, representam uma ação no pretérito ou um sonho do personagem. Além disso, as linhas demarcatórias podem participar metalinguisticamente ampliando as possibilidades narrativas, conforme apresentado abaixo na análise de Rama e colaboradores (2004):

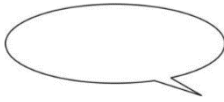


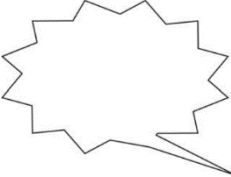
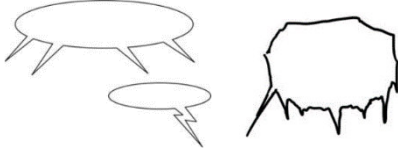
Figura 4 – “Chico Bento”, de Maurício de Souza, exemplo de linhas demarcatórias



Fonte: Adaptado de Rama et al (2004, p. 38)

No aspecto relativo à linguagem verbal, trata-se da expressão da fala ou pensamento dos personagens, a voz do narrador e os sons envolvidos nas narrativas, mas também estão presentes em elementos gráficos como é o caso dos balões que indicam a fala dos personagens. De acordo com Oliveira et al (2010, p. 10), os balões apresentam diversos formatos, de acordo com o que se pretende expressar, existem em torno de 72 espécies de balão. Dentro do balão estão as falas e as onomatopeias.

Quadro 1 – Formatos de balões nas HQs

	<p>balão-tradicional ou balão-fala, o mais utilizado que apresenta todo o contorno, com o rabicho ou rabinho (outro elemento dos quadrinhos), que parte do balão para o emissor, indicando a qual personagem a fala pertence.</p>
	<p>balão-pensamento ou balão-cochilo é semelhante a uma nuvem e o seu rabicho apresenta um formato de bolhas. Pode indicar pensamento, sono (assim estará acompanhado de uma onomatopéia) e um sonho de um personagem.</p>
	<p>balão-sussurro ou balão-cochicho aponta um personagem que pode estar falando em um tom baixo ou contando algum segredo.</p>
	<p>balão-berro: com um contorno irregular. Os personagens podem expressar irritação, horror, espanto ou o balão que representa o som de algum ruído mais forte. É comum a presença de onomatopéias ou letras maiores e/ou negritadas.</p>
	<p>outros tipos de balões que podem expressar o medo, com um formato trêmulo, o de transmissão, quando quer representar o som de aparelhos elétrico-eletrônicos; o gelo, para indicar frieza ou o desprezo de quem está falando e o balão uníssono que representa a fala simultânea de vários personagens.</p>

Fonte: Adaptado de Oliveira et al (2010)

Além dos balões indicados no Quadro 1, encontramos, na Edição nº 239 da Revista de Mônica, a história *Aprendendo a falar com as mãos* que traz a língua de sinais como temática da HQ na figura de Humberto, um amigo surdo que usa a Libras para se comunicar.

Nela, quando a *Turma de Mônica* está sinalizando, o balão de fala correspondente é apresentado em outro formato.

Figura 5 – Balão de HQ para a língua de sinais



Fonte: Sousa (s/d)

A partir dos aspectos abordados de maneira sucinta, defendemos que a compreensão do gênero História em Quadrinhos com o objetivo didático, deve levar em conta as características da linguagem verbal e não-verbal, principalmente no contexto da educação de surdos porque oferece, de uma forma lúdica, a leitura e expressão do cotidiano.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo apresentamos a Unidade Didática para as atividades de ensino do português para surdos por meio das Histórias em Quadrinhos.

PLANO DE ATIVIDADES	
Professora: Josefa Queiroz da Silva	Duração da atividade: 10 aulas
Gênero Textual: História em Quadrinhos	
Público-alvo: Alunos surdos do Ensino Fundamental – anos iniciais (7º ano)	
<p>Objetivos:</p> <p>Proporcionar o aprendizado da Libras e do português escrito para o aluno surdo, desenvolvendo sua capacidade de comunicação, interpretação textual, através do ensino de português como L2, e em Libras L1 por meio do gênero textual Histórias em Quadrinhos (HQs).</p> <p>Ao final da Unidade Didática, espera-se que o aluno seja capaz de:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer o gênero textual Histórias em Quadrinhos e sua estrutura; 2. Conhecer as características da linguagem das histórias em quadrinhos; 3. Aprender sinais e palavras escritas relacionadas à história em quadrinhos apresentada; 4. Relacionar os sinais em Libras às palavras em Português. 	
<p>Recursos didáticos:</p> <p>Os recursos utilizados nas atividades serão: 1) Texto em pdf disponibilizado na plataforma; Como suporte tecnológico iremos utilizar: 1) Notebook; 2) Plataforma Google meet; 3) Acesso à Internet.</p>	
<p>Metodologia:</p> <p>As aulas serão desenvolvida virtualmente através do uso da plataforma Google Meet, com interação por meio da Libras.</p>	
<p>Avaliação:</p> <p>Observação do envolvimento dos alunos ao longo do processo de ensino-aprendizagem.</p>	
<p>9. Observações:</p> <p>Na HQ o professor poderá explorar outros temas sobre bullying na escola e violência a partir da história escolhida para esta Unidade Didática.</p>	

3.1 DESCRIÇÃO DE ATIVIDADES

A seguir apresentaremos a sequência das atividades planejadas para o estudo do gênero histórias em quadrinhos, tendo como objeto a HQ da Turma da Mônica.

3.1.1 Atividades iniciais

Para darmos início às atividades, no primeiro momento, será feita a exploração sobre o que é a História em Quadrinhos, a partir de uma série de perguntas realizadas em Libras, para identificarmos o conhecimento prévio dos alunos. A partir das indagações, feitas por meio do “balão de fala” como estratégia para estimular a associação com o gênero HQs, passaremos a apresentação das Histórias em Quadrinhos.

Figura 6 – Atividades iniciais

Vamos conhecer as Histórias em Quadrinhos?



Vocês gostam de histórias?

Conhecem alguma História em Quadrinho? Qual?

Histórias em Quadrinhos



Fonte: Produzido pela autora

Em continuidade, são apresentados os conceitos gerais sobre as Histórias em Quadrinhos e suas características.

3.1.2 Conhecendo o gênero Histórias em Quadrinhos

Nesse momento, o professor irá apresentar as características principais das Histórias em Quadrinhos, o suporte o tipo de linguagem utilizada e os balões que são usados para indicar a comunicação entre os personagens:

Figura 7 – Conhecendo mais sobre as HQs

Vamos conhecer as Histórias em Quadrinhos?

Histórias em Quadrinhos são narrativas criadas para o entretenimento.

A combinação de linguagens torna a comunicação rápida e proporciona diversão visual e literária.

<p>Suporte:</p> <p>Jornais, Revistas, Internet, Popularizadas no cinema.</p>	<p>Linguagem</p> <p>Dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal</p> <p>Cada código ocupa um lugar dentro dos quadradinhos chamados de vinhetas.</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Produzido pela autora

Em seguida, vamos explorar como se dá a leitura da história em quadrinhos na dimensão de espaço, o que muitas vezes pode confundir o leitor na sequência das vinhetas.

Figura 8 – Conhecendo mais sobre as HQs

Vamos conhecer as Histórias em Quadrinhos?

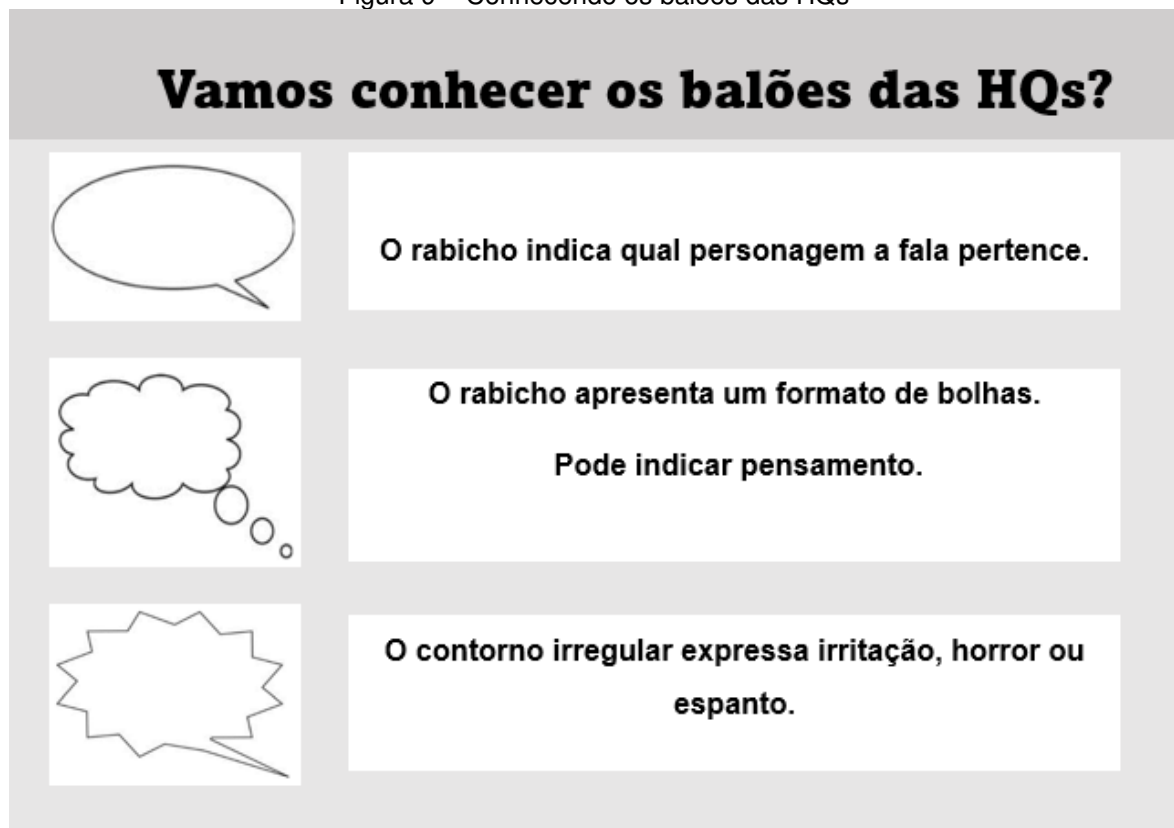
Como ler a história em Quadrinhos?

<p>A menor unidade da narrativa é o quadrinho ou vinheta.</p>	<p>A sucessão de vinhetas é organizada no sentido do texto escrito: do alto para baixo da esquerda para a direita</p>
----------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Produzido pela autora

Na sequência serão mostrados os balões de fala ou de pensamento usados nas histórias em quadrinhos para representar os diálogos ou atitudes dos personagens. Serão mostrados os mais comuns, mas com a orientação de que existem diversas formas e que podem ser de diferentes cores, dependendo do artista e da intenção.

Figura 9 – Conhecendo os balões das HQs



Fonte: Produzido pela autora

Antes de iniciarmos a apresentação da história em quadrinhos “A turma da Mônica”, buscaremos estimular e incentivar a participação dos alunos nas discussões conhecendo os personagens da HQ.

3.1.3 Contato com o Português e a Libras por meio dos personagens

A história será apresentada em Libras pelo professor para que os alunos possam ler, interpretar e se apropriar da compreensão para interagir com professores e colegas de sala.

Nesta etapa, apresentaremos a Turma da Mônica, seu artista criador, Maurício de Sousa, os seus nomes e respectivos sinais, além de contar resumidamente as características de cada personagem.

Figura 10 – Conhecer os personagens da Turma da Mônica



Fonte: Elaborado pela autora


Depois de conhecidos os personagens e suas principais características, passamos a conhecer a história.

3.1.4 Conhecendo a história

O momento da leitura chegou, mas vamos propor uma forma diferente de descoberta. Na atividade, os alunos tentarão ordenar os quadrinhos da história para que ela faça sentido. Com isso, os alunos irão perceber que existe a sequencialidade, irão perceber os balões nas falas dos personagens, as expressões e os sentimentos apresentados na história. É importante que os alunos tenham contato com as ilustrações para a partir delas criar suas expectativas sobre a narrativa.

Figura 11 – Conhecendo a história

Vamos ler uma história da Turma da Mônica de uma maneira diferente?



Vamos colocar os quadrinhos na sequência certa para que a história tenha sentido?


Quais pistas indicam a ordem dos quadrinhos?

Fonte: Elaborado pela autora

Depois disso, serão distribuídas cópias (para download ou impressa) da história aos alunos para identificarem e explorarem a sequência correta. Faremos algumas perguntas na atividade “Vamos seguir as pistas do texto”?

Figura 12 – As pistas do texto

Vamos seguir as pistas do texto?



- 1) Como podemos descobrir o primeiro quadrinho da história? Quais as pistas?
- 2) Como podemos saber a sequência do segundo quadrinho?
- 3) Quais as pistas para o terceiro e quarto quadrinhos?
- 4) Como podemos descobrir qual é o quadrinho final?

Fonte: Elaborado pela autora.


A próxima atividade será de explorar a história da Turma da Mônica, intitulada “Vamos descobrir um pouco mais”?

Figura 13 – Atividade “Vamos descobrir um pouco mais?”


Vamos descobrir um pouco mais?

1) Quem são os personagens da história?

2) Qual a expressão do Cebolinha quando a Mônica se aproxima?



3) No quadrinho, vemos dois balões referentes ao Cebolinha. Eles têm alguma diferença? Qual?




Fonte: Elaborado pela autora.

Propomos 5 questões para a discussão com os alunos, na sequência está o slide 2 dessa atividade.


Figura 14 – Atividade “Vamos descobrir um pouco mais?”

Vamos descobrir um pouco mais?

4) Em algum momento da história vemos a Mônica bater no Cebolinha? O que significa este balão?



5) O que o balão significa? Expressa um sentimento? Qual?




Fonte: Elaborado pela autora.

3.1.5 Construindo a sua história

Nesta atividade, vamos apresentar aos alunos uma HQ de criação própria¹ e propor que os alunos construam sua história. Não será levado em consideração o desenho ou traço artístico e sim a criatividade de expressão.

Figura 15 – Faça a sua história

Nossa HQ: Lu e Jô na formatura
Faça também a sua história!



Quadrinho 1
Lu – Oi, Jô! Tudo bem?
Jô – oi Lu! Tudo bem e você?
Lu – Estou bem, Jô. Sabia que eu passei no mestrado?
Jô – Parabéns. Você merece. Eu também passei.
Lu – Oba, vamos estudar juntas.

Quadrinho 2
Jô – Sim (se abraçam com alegria)

Quadrinho 3
Jô – Agradeço a Deus por ter conseguido me formar. Não é fácil ser surda e conseguir estudar e ir tão longe.
Lu – Agradeço a Deus por me formar e aos professores pela ajuda. Também agradeço a mim mesma que não desisti frente às dificuldades. Vencemos!

Quadrinho 4
As duas levantam o canudo de formatura.

Fonte: Elaborado pela autora.

A atividade final será feita como uma maneira de incentivo criativo e motivacional para os alunos e também uma homenagem aos alunos surdos e aos professores que atuam na área, mostrando que o aluno é capaz de criar, escrever e “fazer sua própria história” na vida.

¹ Arte de Natália Deggerone.

4 CONCLUSÃO

Ao término deste trabalho, podemos concluir que as atividades desenvolvidas trazem contribuições para, a partir de uma observação sistemática e ação planejada, agregar o uso das histórias em quadrinhos no ambiente escolar. É fundamental para o trabalho que se reconheça a necessidade do ensino bilíngue por meio de propostas que associem a Libras como L1 e o ensino do português como L2 como prática pedagógica através de textos comuns e histórias da vida cotidiana dos alunos.

Partindo da necessidade de como ensinar português como L2 para alunos surdos e gerar conhecimento, observamos a falta de materiais didáticos para auxiliar o professor. Assim, sugerimos as histórias em quadrinhos em ambientes escolares para ocupar essa lacuna e contribuir para o ensino bilíngue desses alunos.

A proposta baseou-se no gênero textual história em quadrinhos, explorando na fase inicial, o conhecimento prévio dos alunos como elemento essencial para estabelecer relações com o texto contido a serem trabalhados. Abordamos, em seguida, as características gerais do gênero e logo após, apresentamos os personagens também com suas características pessoais e seguindo as pistas do texto, exploramos a história da Turma da Mônica com ênfase nas intenções dos personagens Mônica e Cebolinha com sugestões de atividade multidisciplinar.

Por fim, sugerimos como avaliação para estimular a criatividade do aluno, a criação de uma história, mostrando a nossa própria história a partir da experiência como discente do Curso de Letras-Libras.

Concluimos que é possível aproximar o aluno surdo de gêneros textuais relacionados ao cotidiano do aluno e trazer para a sala de aula materiais de ensino que estimulem a criatividade e o conhecimento.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, A. **As Aventuras de Nhô-Quim & Zé Caipora**: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.
- ALBRES, N. A. **Surdos e Inclusão Educacional**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2010.
- ALVEZ, C. B.; FERREIRA, J. P.; DAMÁZIO, M. F. M. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar**. Abordagem bilíngue na escolarização de pessoas com surdez. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2010. 27p. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/43215> Acesso em: 28 mai 2021.
- AVELAR, T. F.; FREITAS, K. P. S. A importância do português como segunda língua na formação do aluno surdo. **Revista Sinalizar**, v.1, n.1, p. 12-24, jan./jun, 2016.
- CUNHA, J. S. Mulheres nos Quadrinhos: Ju Loyola. **Delirium Nerd**. Outubro, 2019. Disponível em: <https://deliriumnerd.com/2019/10/14/mulheres-nos-quadrinhos-ju-loyola/>. Acesso em: 7 set 2021.
- DAMÁZIO, M. F. M. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado Pessoa com Surdez**. SEESP/SEED/MEC Brasília/DF, 2007.
- FARIAS, S. P. Ao pé da letra, não! Mitos que permeiam o ensino de leitura para surdos. In: QUADROS, R. M. **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.
- FERNANDES, S. F. **Educação bilíngue para surdos**: identidades, diferenças, contradições e mistérios. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- FERREIRA-BRITO, L. F. **Integração social & educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.
- GOMES, R. Narrativas Silenciosas de Ju Loyola. **Revo Space**. Agosto, 2020. Disponível em: <https://revospace.com.br/artigo/narrativas-silenciosas-de-ju-loyola/> Acesso em 7 set 2021.
- LIBÂNEO, J. C. Prática educativa, Pedagogia e Didática. In: **Didática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- PALHARES, M. C **História em Quadrinhos**: Uma Ferramenta Pedagógica para o Ensino de História. Dia a Dia Educação. Governo do Paraná, 2008.
- MONTERANI, N. G.; MENEGASSI, R. J. O conteúdo temático do gênero tiras em quadrinhos. **Acta Scientiarum Language And Culture**. Maringá, v. 32, n. 2, p.225-232, 2010.
- OLIVEIRA, C. I. et al. **Imagem e educação**. v. 2, Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília : MEC, SEESP, 120 p. 2006.

REILY, L. H. As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino da arte para pré-escolares surdos. In: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. (Orgs.). **Cidadania, surdez e linguagem**: desafios e realidades. São Paulo: Plexus, 2003.

SÁNCHEZ, C. Vida para os surdos. **Revista Nova Escola**. Rio de Janeiro: Editora Abril, 1993.

SANTOS, W. J. Ambiente de Ensino-Aprendizagem da Libras: o AEE para alunos surdos. **Revista Virtual de Cultura Surda**. Edição nº 11/Junho, 2013.

SILVA, A. G. A leitura de charges e tirinhas como recursos pedagógico na educação de jovens e adultos surdos. Anais **5º Seminário Nacional O Professor e a Leitura do Jornal**, Campinas: Unicamp/FE, ALB, 2010.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2ªed. UFSC. Florianópolis.

VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **Revista de Ciência da Informação**, v. 6, n. 2, abr, 2005.

VIEIRA, P. A.; ARAUJO, V. L. S. Observação sobre a leitura da imagem em atividades com surdos na perspectiva de Kress e van Leeuwen. **ReVel**, v.10, n.19, 2012.